

## OBJETOS E SEUS SÍMBOLOS



### Os segredos da cerâmica marajoara

**P**or volta do ano 1000 antes de Cristo, muito antes de os portugueses pisarem em terras brasileiras, um povo com muita habilidade no feitiço de cerâmicas ocupou a Ilha de Marajó, no norte do Estado do Pará: "Não se sabe como viviam esses indígenas nem que língua falavam, mas, potes e vasos encontrados por arqueólogos contêm figuras de serpentes, de outros animais e de mandalas que falam das forças opostas que dominam a natureza, do ciclo de vida-morte-vida", explica Lucy Penna, psicóloga nascida em Belém do Pará, radicada em São Paulo. A cerâmica marajoara é tema de um livro seu a ser lançado este ano.

Antigamente, a cerâmica era arte exclusiva das mu-

lheres, que trabalhavam numa espécie de ritual de devoção à Mãe do Barro: "Era uma figura correspondente a Nossa Senhora, que tem a ver com o poder criativo do universo, com a fertilidade. Aliás, a *Bíblia* menciona que Deus fez a primeira criatura moldando o barro. No ritual marajoara, que algumas ceramistas ainda mantêm vivo, a terra molhada do leite do rio era recolhida apenas nas noites de lua cheia. As mulheres não podiam manuseá-la quando grávidas ou menstruadas. O trabalho era feito longe da



Foto: Miguel Chikuda

Peça feita há cerca de 1000 anos, pelo povo que habitou a Ilha de Marajó, no norte do Pará. Artesãos de hoje se inspiram nestas reliquias e recriam a cerâmica marajoara.

Chocalhos em forma de tartaruga, animal que simboliza longevidade, moldados em cerâmica por artesãos da Ilha de Marajó.

Objetos da Amoa Konoya.

# OBJETOS E SEUS SÍMBOLOS

A figura da serpente protege a entrada deste pote e é figura constante nas cerâmicas marajoaras, simbolizando os ciclos da natureza. Peça do ateliê de mestre Cardoso, disponível na Amoa Kanoya.



vista dos homens, sob pena da peça sair defeituosa ou quebrar”, conta Lucy.

Hoje, porém, os homens também trabalham com cerâmica na Ilha de Marajó, a duas horas de barco de Belém, e no município de Icoaracy, outro pólo de produção artesanal, a 18 km da capital paraense. Lá, famílias inteiras sobrevivem trabalhando nas olarias.

A mais famosa delas é a do mestre

Raimundo Cardoso, o mais notável da região, que aprendeu a arte da cerâmica com a avó índia. Ele faz reproduções fiéis das peças antigas, que ficam muito bem guardadas no Museu Emílio Goeldi, em Belém.

Atento a cada mínimo detalhe, não deixa que os símbolos antigos se percam no tempo: “Essas cerâmicas são muito diferentes das outras, modeladas sem ajuda de torno, ainda feitas à moda antiga”, diz Lucy, que dá uma dica para quem quer escolher um objeto marajoara de qualidade: “É importante saber a origem da peça, se foi feito nessas cidades onde o contato com a natureza é profundo, pois isso preserva a pureza e imprime uma energia especial a cada cerâmica”, conclui.

TEXTO: LILIANE ORAGGIO  
REPORTAGEM FOTOGRÁFICA: ANA PAULA LOPES  
FOTOS: MILTON CARELO

O desenho do centro sugere uma serpente enrolada, e as linhas curvas em torno do vaso também representam esse animal mítico.